

prosa

# TRANSPORTE PÚBLICO

Gabriel Henrique de Lima Silva

TODOS OS DIAS são iguais, sem mais, nem menos, giram como um moinho, não tem fim, um ponto final, apenas nosso fim biológico pode parar esta roda, este ciclo. De nossas moradas para nossos empregos, de nossos empregos, de volta aos nossos lares, mas no entreposto entre a zona de conforto debilitante de nossas casas e o ambiente débil, burocrático, mas necessário a nossa subsistência, de nossos empregos, presenciamos um ecossistema, um microuniverso que se forma no dia a dia, com suas particularidades, pequenos prazeres e ameaças: o transporte público. Sim, naquele ônibus de seu bairro, lotado de pessoas desanimadas, presas em suas rotinas. Enclausuradas, elas interagem entre si, silenciosamente, às vezes com olhares, cordialidade ou uma amostra de mesquinharia e mau humor, comum ao ser humano suburbano, limitado pelo concreto e tarefas diárias. As interações tornam-se frequentes, vínculos se formam e longos diálogos, vazios de conteúdo, desatam a ocorrer, alguns se tornam “vizinhos” de assento, compartilhando o mesmo metro quadrado, durante vários dias da semana. Algumas amizades transbordam para fora daquele ecossistema, interagindo fora dali, como se estivessem em outra dimensão. Até mesmo a atração entre opostos pode acontecer: olhares, conversas, flertes e até mesmo romances acontecem naquele lugar. Os vínculos, as conversas,

algumas poucas risadas, convivem com o espírito predatório de alguns, inerente ao ser humano, mas que alguns insistem em exercer, mesmo em um ambiente civilizado, que rapidamente pode se transformar em uma selvageria: basta um olhar torto ou quem sabe um resvalar involuntário que alguns, rapidamente, respondem de forma furiosa. Outra faceta são os preguiçosos, aqueles que fingem estar em sono profundo para não serem perturbados pelos necessitados. Existem aqueles que talvez sejam as criaturas mais desprezíveis do transporte público: covardes que esfregam suas genitálias em mulheres alheias; nunca presenciei tal ato, mas as manchetes dos jornais estão em evidência. Pode-se dizer que aquele confinamento metálico ambulante, cercado ora por prédios, ora por casas, por vezes paisagens arborizadas, é a representação urbana dos sete pecados capitais; se observarem, atentamente, está tudo ali. E eu, quem sou nesta máquina complexa e engenhosa da representação social? Apenas mais um passageiro, um observador, um cronista. Não estou indo para algum lugar específico, apenas gosto de andar de ônibus pela manhã, através da cidade, estar rodeado por pessoas desconhecidas e presenciar estes pequenos momentos, detalhes mínimos e curiosos. Diante das férias escolares, tenho um grande tempo vago em minhas mãos, então eu o aproveito desta forma, perambulando por aí, anotando e testemunhando os detalhes que a vida na cidade nos proporciona e este meio, este cenário popular, os ônibus, é o ambiente mais singular que encontrei em minhas andanças, este ambiente, que sintetiza o ser humano médio e urbano atual em todas as suas qualidades e defeitos.

Há alguns dias, a atmosfera, os pormenores, as interações, toda a ebulição social, dos trabalhadores em direção aos seus trabalhos, os senhores de idade que se deslocavam ao centro da cidade, mudou. Nem todos notaram, sim, creio que quase ninguém, na verdade. A diminuta animação que alguns possuíam logo pela

manhã, os pequenos flertes ou até mesmos os atritos corriqueiros que existiam deram lugar a um comportamento coletivo tristonho, sorumbático; muitos assumiram um semblante melancólico, depressivo. Não foram todos, sim, alguns continuaram com suas personalidades costumeiras, mas, para mim, que presenciava aquele cenário diariamente, com o intuito simples de um mero observador, notei a mudança, era como se algum acontecimento abalou a todos. Chequei os jornais, em busca de algo, investiguei os periódicos locais e nada. Nenhuma tragédia que abalam toda a nação, nenhuma medida governamental que afetará toda a sociedade de forma negativa ou sequer uma catástrofe ambiental que causa uma comoção popular. As mudanças foram espontâneas, automáticas. Sim, problemas pessoais poderia ser um fator, mas não poderia resultar em um mesmo comportamento por parte de diferentes indivíduos. Achei curiosas estas mudanças e refleti sobre qual seria a causa por trás deste fenômeno, mas apenas isso e nada mais, assim, continuei a minha rotina de pegar um ônibus lotado, com pessoas suando em bicas, e a observar, todos os dias, a rotina dos homens e mulheres que compartilhavam este veículo diariamente..

Logo esta minha atividade, minha curiosidade inerente ao meu ser, tomou um rumo totalmente inesperado, pois o acontecimento que se seguiu, afetou a todos e me marcou para sempre. Era um dia como qualquer outro, apenas aquele sentimento, um véu negro que recaiu sobre alguns, continuava. Estávamos em uma avenida, o ônibus mantinha uma alta velocidade, muitos passageiros estavam em pé, visivelmente irritados com a superlotação, aqueles que estavam sentados, imersos em seus celulares, outros dormindo, alguns, com o olhar desabitado de vida, olhavam para fora, os carros e prédios borrados que passavam; um ou outro distraído com algum livro, mas ninguém conversava, um silêncio sufocante tomava o interior do ônibus. Era como

se as pessoas estavam apreensivas, esperando algo acontecer, ou até mesmo que torciam por algum acontecimento se desenrolar, algo que quebrasse a monotonia estabelecida naquele dia quente de verão. Às vezes, a força motriz do desejo coletivo resulta em resultados inimagináveis, por vezes horríveis e então o inesperado aconteceu, o extraordinário, ainda que mórbido, se deu por existir. Uma mulher, alta e magra, vestida em trajes sociais, que estava sentada próximo à janela, se levantou de forma abrupta, o homem ao seu lado se assustou com o movimento brusco. Eu estava no banco à direita, algumas pessoas obstruíam a minha visão, mas pude ver com clareza a bizarrice subsequente que se instaurou logo após, porém apenas o relance que algumas pessoas tiveram daquela visão nauseante, certamente às traumatizou. Quando a mulher já estava de pé, as pessoas ignoraram, era algo comum, milhares de pessoas subiam e desciam somente daquele ônibus diariamente, apenas mais uma passageira que iria dar o sinal para descer no ponto vindouro, mas quando ela escancarou a janela de forma agressiva, os que estavam próximos a ela deram sua total atenção. O que mais me assusta e me causa calafrios é a lembrança do semblante da mulher e como estava impassível, imperturbável, um olhar totalmente desprovido de qualquer vontade de continuar a viver, sua face aparentava pertencer a um ser quase inumano, tamanha era sua apatia. A mulher apoiou-se em suas duas mãos e olhou através da janela, seus cabelos esvoaçavam, o olhar fixo na paisagem cinzenta que surgia e desaparecia, então impulsionou seu corpo para fora do ônibus. O homem ao seu lado tentou puxá-la por seus pés, mas era tarde demais: a mulher lançou-se para fora e se espatifou no asfalto. Pudemos ouvir seu corpo colidir com o chão, os ossos se esfarelando e os carros freando antes de atingirem o corpo, já sem vida. Todos reagiram de forma desesperada, alguns gritavam, outros prontamente se desmancharam em lágrimas. O motorista parou o ônibus, talvez tenha pensado que acabara de

atropelar alguém, algum transeunte infeliz, não se dera conta que um de seus próprios passageiros tenha se jogado de seu ônibus em pleno movimento. Eu não sei qual era a minha expressão, mas eu estava atônito, acabara de presenciar um suicídio. Ao descermos todos, nos deparamos com uma cena de horror, uma carnificina: a mulher transformou-se em uma poça de sangue, seus braços e pernas estraçalhados, um tendão exposto em sua perna esquerda jorrava sangue para o alto; sua face estava dilacerada e aberta, uma parte de seu crânio expurgava os miolos para fora, os espalhando pela avenida e uma cor escarlate misturava-se com a escuridão do asfalto. Muitos passaram mal com aquela visão: vômitos foram expelidos, pessoas desmaiaram diante do choque que aquela visão proporcionava, até que uma senhora, em uma loja de acessórios para cama, mesa e banho, cobriu o defunto com um lençol. As autoridades foram acionadas e o laudo oficial era claro, assim como para todas as testemunhas: a mulher cometeu suicídio, simplesmente. Não havia alternativa ou explicação, muitos a viram, friamente, abrir a janela e mergulhar em direção ao asfalto e os mais próximos, assim como eu, notaram a expressão sorumbática que se destacava na face da mulher. Para mim, ela já estava morta previamente à sua atitude insana. Este foi o último ato, um último suspiro, o cair das cortinas de uma forma espetacular, talvez em sua escolha final, decidira demonstrar toda a sua força, todo o seu ímpeto, que não demonstrava em vida.

Deus, o que está acontecendo? No outro dia, subsequente ao acontecimento, notícias de diversas pessoas que se suicidaram jogando-se, como se fossem acrobatas, dos ônibus, transformando-se em massas grotescas de carne, sangue e entranhas ao chocar-se com o asfalto, surgiram nos jornais e em portais de notícias na internet. Especialistas diziam que era algum tipo de surto coletivo, um comportamento social repetitivo; religiosos fanáticos diziam ser um dos sinais do fim do mundo, diziam que

era o início do expurgo dos pecadores; alguns ambientalistas afirmavam que poderia ser uma ruptura total da camada de ozônio, onde os raios violetas em sua total capacidade estavam afetando algumas pessoas; outros, que se pensavam intelectuais de primeiro escalão bradavam para quem quisesse ouvir que isto era a consequência máxima do capitalismo inveterado, onde o materialismo e consumismo estavam literalmente obrigando o proletariado a se matar, diante das péssimas condições trabalhistas e do transporte público. Ninguém sabe o que realmente está acontecendo, não há nenhuma conclusão concreta, porém essas teorias não atingem o cidadão comum, aquele que esteve presente e, em primeira mão, observou esses acontecimentos bizarros, o terror de ver um indivíduo, talvez alguém familiar, que, todos os dias, os acompanhava na jornada diária até os seus destinos, se suicidar em algum tipo de ato desesperado e até mesmo teatral. Quem realmente estava lá, vendo a morte de perto, conheceu o verdadeiro horror. Jamais irei esquecer o relato de uma mulher, que, ao estar próxima de um dos suicidas, teve sua face respingada do sangue do homem, quando este se atirou pela janela. A vida era frágil o suficiente sem a intervenção desta força misteriosa que se alastrava por toda a população. Eu podia ver o medo, o pavor que tomava conta de todos. Uma atmosfera densa envolveu o ambiente, era quase tangível, se eu me esforçasse, eu poderia tocá-la. O olhar de apreensão, as mãos tremendo, os movimentos robóticos. Muitos estavam apreensivos, mas alguns estavam anestesiados, não acreditavam no que ocorrera. Eram tempos sombrios certamente. A morte nos acompanha durante a nossa existência, mas terminar desta fora, um fim tão súbito e medonho é deprimente. Eu poderia ser o próximo, estou me arriscando sem necessidade alguma. Talvez seja a ânsia de presenciar algo assustador e extraordinário ou apenas o desejo implícito do ser humano de observar a morbidez,

pois assim é o homem, um ser voraz por sangue e violência, ainda que de forma inconsciente.

Os casos bizarros continuam. Eu não presenciei mais nenhum em primeira mão, mas eles continuam e não diminuem; pelo contrário, apenas aumentam. E o que o governo pode fazer? Não houve, até o momento, nenhum desejo por parte das prefeituras por todo o país de paralisarem o transporte público. As pessoas têm de continuar a trabalhar, realizar suas obrigações, mas há um esforço por parte de diversas organizações governamentais na apuração e causa destas mortes que assolaram o país na última semana, diziam eles. Após as autópsias, nenhum corpo estranho fora detectado, nenhum tipo de vírus, bactéria ou algo do tipo, as pessoas que morreram não estavam intoxicadas, nenhum defeito congênito compartilhado pelas vítimas deste fenômeno, ou seja, era algo aleatório, poderia atingir qualquer um, todos estavam sujeitos a isto. Eu não poderia parar de pensar no momento que uma mãe ou um pai viria seu filho se jogar através de uma janela de um ônibus qualquer. Não houve relatos de casos parecidos em outros países. A agência nacional de saúde já tratava esta situação como uma epidemia, alguma degeneração psicológica, talvez uma variação da depressão em um grau mais elevado. Ninguém tinha uma resposta concreta e, neste meio tempo, a fileira de corpos apenas aumentava.

Houve uma medida por parte das empresas responsáveis pelos ônibus: Grades foram soldadas nas janelas dos ônibus. Agora estes pareciam celas ou até mesmo jaulas ambulantes. Tempos bizarros realmente. O que antes era uma prisão simbólica, a representação máxima da monotonia da vida do trabalhador, em seu vai e vem urbano, tornara-se verdadeiramente uma clausura.

As grossas grades embutidas não seriam a solução, mas apenas a extenuação de uma situação já alarmante. Os suicidas

não se atiraram pelas janelas, não. Como poderiam, afinal? Uma força sobre-humana era necessária para romper aquela barreira e saltar para os braços perenes da morte. As únicas maneiras que estes pobres coitados acharam de saciar seu desejo pulsante pelo fim foram suas próprias mãos ou o ambiente que os cercava. E, ao contrario da morte súbita e célere que todos presenciaram anteriormente, desta vez era mais explicita, tangível e grotesca. Muitos bateram com a cabeça repetidamente nas barras que cerceavam sua liberdade. Os relatos diziam que era impossível segurar os suicidas, eram tão obstinados em se matar, que ninguém podia para-los. Eles martelavam e martelavam, até o sangue escorrer sobre suas faces e uma fenda abrir em seus crânios e, de repente, paravam. Inertes, a vida se esvaía de seus olhos. Esta situação foi a mais recorrente, porém não a mais perturbadora. Alguns morderam a própria língua e sufocaram até perderem a consciência e, subsequentemente, a vida; outros cravaram os dedos em suas próprias traqueias; houve um homem que atirou em si mesmo. Oceanos de sangue tomaram os assoalhos dos ônibus, acompanhado de um cheiro ferroso e, em alguns casos, misturava-se com o cheiro acre do vômito daqueles que não puderam conter seus impulsos biológicos diante da atrocidade; alguns passageiros, em choque, saíam encharcados de sangue em direção às suas casas e muitos pensam, com razão, que podem ser a próxima vítima.

Um comportamento curioso ressurgue nestes momentos de angústia e aflição: o desejo do homem em presenciar a violência, a carnificina, o espetáculo que se torna a morte do outro. Muitos podem negar, mas é a verdadeira natureza do ser humano. Enquanto o mundo se acaba em chamas, o ser humano, como uma mariposa, é atraído pela luz do fim do mundo. Como não poderia ser diferente, enquanto muitos tentavam, em vão, salvar a vida daqueles que estavam em busca da morte, outros, com seus celulares, filmavam o desenrolar da tragédia que se desenrolava a

poucos metros e como se não bastasse, espalhavam as cenas bizarras para todos verem, dando continuidade a corrente de perversidade e decadência da humanidade. Essas situações me fazem refletir. Talvez mereçamos essa maldição que recai sobre nós?

Não há sinais de esta calamidade diminuir, pelo contrário, nas últimas semanas os casos dobraram. As prospecções são as piores. Este evento pode desencadear um colapso econômico, as pessoas estão temendo verdadeiramente por suas vidas e grupos antagonistas começam a se atacar, culpando cegamente uns aos outros. Este pode ser o fim, o fim da civilização ou talvez o início de uma barbárie ainda pior. Um animal acuado é sempre perigoso, pois este não tem nada a perder. Todos estão paranoicos e assustados. A sociedade está a ponto de explodir.

GABRIEL HENRIQUE DE LIMA SILVA

22 anos, natural de Sorocaba, São Paulo. Através da escrita, busa aliviar o estresse diário proveniente de sua profissão, analista de sistemas.